

Cooperativismo

AGAZETA PROJETO DE MARKETING

Vitória, julho de 2016



JUNTOS E FORTES

Cooperativas vão à luta diante do cenário desafiador. Apostam em inovação para ter melhores resultados

EDITORIAL**Elaine Silva**

Editora da Revista Cooperativismo



Mais fortes na crise

A principal conversa hoje em família ou no trabalho é a crise financeira e política que o país enfrenta. Mas ao se falar em crise para um setor da economia brasileira, ao contrário dos outros, o que se ouve não são palavras como demissão ou quebraadeira. O setor cooperativista enfrenta turbulências mais com a seca intensa vivida no Estado, nem tanto com a crise econômica. Por isso, as palavras de ordem são se unir e investir para crescer.

Como isso é possível? Curiosamente a resposta está na origem das cooperativas. Elas surgiram na época da Revolução Industrial, no século XIX, quando os trabalhadores começaram a ser substituídos por máquinas e houve um desemprego generalizado. Ou seja, num período de crise, a solução para os desempregados foram as cooperativas formadas pela força de trabalho que havia ficado sem perspectiva.

Agora não é diferente. Uma sumidade do ramo cooperativista, o ex-ministro da Agricultura Roberto

Rodrigues nos concedeu uma entrevista em que fala exatamente dessa convicção: de que as cooperativas são uma solução no momento de crise por conta do seu cunho social. “Dá para fazer um paralelo com o momento atual do país, onde observamos milhares de pessoas desempregadas. O cooperativo pode trabalhar

para contribuir e incluir pessoas e pequenas empresas fragilizadas em decorrência da crise econômica”.

O presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB-ES), Estério Colnago, concorda e afirma que “na crise, o cooperativismo cresce mais porque é uma sociedade de pessoas, porque foi criada e idealizada para resolver os problemas do cooperado, da sociedade”.

A Revista Cooperativismo que chega às suas mãos hoje conta um pouco da história de cooperativas de sucesso que estão dando uma lição de trabalho e inovação para driblar a crise. O segredo delas: a união. Vale conferir!

Boa leitura!

O setor cooperativista vai muito bem, apesar de todo pessimismo que ronda os brasileiros. Como isso é possível? Curiosamente a resposta está na origem das cooperativas



Exemplo em casa

Nesta segunda-feira, dia 4 de julho, é comemorado o dia Internacional do Cooperativismo. E mesmo em meio a tantas incertezas que o setor tem pela frente, uma coisa é certa: a produção não pode e não vai parar. Essa energia boa é o que vocês verão nas próximas páginas dessa publicação. O otimismo é a brasa que faz do cooperativismo capixaba um setor sempre aquecido. Vale a pena conferir os bons exemplos que temos dentro de casa. Boa leitura!

EDITORA DE CADERNOS ESPECIAIS: Marcelle Secchin

Cooperativismo
ESPECIAL DE

AGAZETA
PROJETO DE IMPRETTING

ESPECIAL DE EDITORA DE CADERNOS ESPECIAIS: Marcelle Secchin (msecchin@redgazeta.com.br); **EDITORA:** Elaine Silva (elainesilva@redgazeta.com.br); **FOTO DE CAPA:** Ricardo Vervloet; **DIAGRAMAÇÃO:** Andressa Machado e Adriana Rios; **DIRETOR EXECUTIVO DE JORNAIS E RÁDIO:** Marcello Moraes; **DIRETOR DE JORNALISMO:** Abdo Chequer; **EDITOR-CHEFE:** André Hees; **DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE:** Márcio Chagas; **DIRETOR DE MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA:** Ranieri Aguiar; **GERENTE COMERCIAL:** Julita Colombo; **GERENTE DE MARKETING:** Carla Sobreira. **CORRESPONDÊNCIAS:** Jornal A Gazeta, Rua Chafic Murad, 902, Monte Belo, Vitória, ES, CEP: 29053-315.

SUMÁRIO

6 OCB-ES não quer crise

Cooperativas planejam encerrar 2016, mesmo com crise financeira e hídrica, com investimentos em infraestrutura e modernização.

26 Meio rural

Maior desafio das cooperativas rurais, como Selita, Veneza, Coopeavi, Cooabriel e Agrocoop, está sendo a seca que não cede.



12 A luta delas

No momento em que há turbulências na economia, as mulheres cooperadas do meio urbano ou rural se unem para garantir renda extra, melhorar a autoestima e promover ações sociais para aumentar o bem-estar da comunidade. Elas dão exemplo de competência e criatividade para gerar lucro.



8 Vida para as cooperativas

Ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues é um defensor do cooperativismo

COOPERATIVAS NÃO QUEREM SABER DE CRISE

Cooperativas planejam encerrar 2016, em plena crise, com investimento em infraestrutura e modernização em diversos setores

LUÍSA TORRE
ltorre@redgazeta.com.br

Uma sociedade de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, constituída para prestar serviços aos associados. Essa é a essência das cooperativas, um setor que mobiliza, entre as 120 cooperativas registradas no Estado, 20 das 200 maiores empresas, e é onde estão 121 mil empregos diretos e indiretos. Seja na saúde, na agropecuária, no crédito, habitacional ou de transporte, as cooperativas movimentaram, em 2015, R\$ 4,4 bilhões. Para este ano, mesmo em plena crise, a previsão é de que elas invistam ao menos R\$ 100 milhões em infraestrutura e modernização em todo o Espírito Santo.

De acordo com o superintendente da OCB-ES e do SESCOOP-ES, Carlos André Santos de Oliveira, os maiores investimentos serão feitos na área da saúde suplementar, habitacional, no agronegócio e no setor de transportes. “As cooperativas irão investir em infraestrutura interna, galpões, armazéns, novas lojas, novas sedes, ampliação de hospitais, novas agências, novos equipamentos do ramo agropecuário, caminhões e vans no transporte”, explica ele. “O cooperativismo habitacional vai entregar 234 habitações em 2016, com investimento estimado em R\$ 58 milhões. Além disso, em 2016, as cooperativas financeiras capixabas estão disponibilizando R\$ 4,8 bilhões em crédito.”

Falando em números, mesmo em um ano difícil como 2015, as cooperativas mostraram sua força: tiveram ingressos (o faturamento total) de R\$ 4,4 bilhões em 2015, uma evolução de 8% se comparado a 2014. Em impostos recolhidos em 2015, foram R\$ 263 milhões em encargos federais, estaduais e municipais, um acréscimo de 44% em relação ao ano anterior. O total de sobras (o que nas empresas se chama de lucro) dessas cooperativas foi de R\$ 281,7 milhões, uma evolução de 12% no comparativo com 2014. Números que orgulham, explica Oliveira, que acredita que o cooperativismo no Estado está em franca evolução.

“Hoje na OCB são 120 cooperativas registradas, que somam 237 mil cooperados e que geram 7.865 empregos diretos formais. Diretos e indiretos, são 121 mil empregos. No setor agropecuário, 69% do leite produzido no Estado vêm de cooperativas e 2 milhões de sacas de café produzidas são comercializadas pelas cooperativas. A maior operadora de plano de saúde suplementar do Estado há cerca de 30 anos é a maior e líder do recall, e é uma cooperativa. O Sicoob, uma cooperativa, é o segundo operador e aplicador de recursos em crédito rural no Espírito Santo. As cooperativas de transporte levam diariamente 64 mil alunos da rede pública do Estado - 45% dos alunos. As cooperativas de saúde suplementar possuem cinco hospitais próprios e mais 18 clínicas próprias, três centros de diagnóstico e dois labo-



“Se o associado está em dificuldade, a cooperativa faz tudo para manter ele ativo”

ESTHÉRIO COLNAGO
PRESIDENTE DA OCB



“As cooperativas irão investir em infraestrutura interna, galpões, armazéns”

CARLOS ANDRÉ SANTOS
SUPERINTENDENTE

ratórios próprios”, enumera.

Para o superintendente, as cooperativas têm ganhado mais força no Estado por causa do investimento forte em treinamento e capacitação de seus dirigentes, colaboradores e gestores. Ele aponta, entre as principais inovações em produtos, a introdução de produtos zero e sem lactose nas cooperativas de laticínios e a criação de novos planos de saúde focados no atendimento personalizado à família por parte das cooperativas de saúde.

RESULTADOS

Mas como em plena recessão o cooperativismo encontra espaço para crescer? Para o presidente da OCB-ES, Esthérico Sebastião Colnago, é algo que está dentro da própria essência do trabalho: a cooperação. “Hoje temos um problema climático terrível, falta água para irrigação e para o gado, então neste ano teremos uma queda nas cooperativas de café e do leite. Mas estamos trazendo leite do Sul do Estado, onde a seca não está tão severa. Tem saído leite da região de Mimoso do Sul e Guaçuá para Nova Venécia para que a fábrica continue produzindo, sem demitir. Por isso a cooperativa cresce. Além disso, numa época dessas da quebra de safra, o Sicoob está repactuando o crédito para que o produtor não saia da atividade, porque se ele sai, ele deixa de ser associado. Aí entra o interesse do associado. O Sicoob vai alongar a dívida dele para não enfraquecer a comunidade até que ele tenha safra para cumprir seus compromissos. A união faz a força e nós fazemos questão que os princípios sejam nossa linha mestra, nossa pedra angular”, destaca. ●

ENTREVISTA

ROBERTO RODRIGUES, Ex-ministro da Agricultura



DIVULGAÇÃO

Meio para garantir inclusão social

Segundo ex-ministro, igualdade é uma das principais premissas do cooperativismo

MURILO CUZZUOL
mcuzzuol@redgazeta.com.br

Engenheiro agrônomo por formação, o ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues praticamente se confunde com a história do cooperativismo brasileiro. Aos 73 anos, ele começou a ter contato com o cooperativismo ainda na faculdade. De lá pra cá, montou cooperativas, foi presidente nacional da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), foi embaixador da ONU para as Cooperativas, e já visitou 81 países em defesa do cooperativismo. Seu maior legado como ministro foi ter conseguido mudar uma regra do Banco Central, permitindo a abertura das cooperativas de crédito. Isso fez toda diferença, segundo ele. Confira a entrevista exclusiva que Rodrigues deu à Revista Cooperativismo.

O Brasil atravessa um momento de economia fragilizada. Como isso atinge o setor de cooperativismo de uma maneira geral?

Uma das características da crise atual que o Brasil vive hoje é o que se chama exclusão

social, desemprego, pequenas empresas perdendo a capacidade de sobrevivência, gente saindo da atividade econômica. Você passa pelas cidades e o que tem de loja fechada, loja trancada, placa de aluga-se é impressionante. O cooperativismo, por definição, é uma doutrina que visa corrigir o social por meio do econômico. E o mecanismo pelo qual é operado é a cooperativa. É uma sociedade de pessoas que não visa o lucro, e sim prestar serviço para que todos tenham acesso econômico e se garanta o avanço social.

Qual a importância do cooperativismo para ajudar a mudar esse cenário do país, estados e municípios?

Numa crise em que a exclusão social é marcante, a cooperativa é uma solução perfeita exatamente por ter o fator de inclusão social. As primeiras cooperativas surgiram durante a primeira revolução industrial, em meados do século XIX, quando milhões de pessoas eram substituídas por máquinas. Dá para fazer um paralelo com o momento atual do país, onde observamos milhares de pessoas de-

▼
O começo Cooperativismo na veia

Roberto Rodrigues começou a ter contato com cooperativismo na faculdade (Luiz de Queiroz-SP), onde havia um centro acadêmico muito forte, que tinha uma cooperativa de trabalho. "Vendíamos material escolar, apostilas a preços bem mais em conta do que no mercado de Piracicaba", conta.

sempregadas. O cooperativo pode trabalhar para contribuir e incluir pessoas e pequenas empresas fragilizadas em decorrência da crise econômica.

Sabe-se que o cooperativismo anda atrelado ao setor agropecuário, em especial. Como o cooperativismo fomenta o desenvolvimento da produção agrícola?

Na agricultura esse papel é ainda mais preponderante porque a atividade agrícola, no mundo inteiro e não apenas no Brasil, se caracteriza pela renda via escala. Na medida que a globalização da economia reduz as margens de renda de produção, só se ganha por escala. E justamente o pequeno produtor não tem escala, ele está fora. A única forma de se manter e continuar produzindo é unindo-se com seus irmãos e formando uma cooperativa, assim conseguirão uma escala de faturamento. O cooperativismo garante a inclusão social e a renda do pequeno produtor. Na agricultura ela é espetacular, mas funciona em qualquer setor da economia.

Apesar de crescente, ainda há muita desinformação do público geral sobre o cooperativismo. Como dar mais publicidade e mostrar a importância desse setor à sociedade?

O cooperativismo floresce na crise. O que

falta ao cooperativismo é uma melhor comunicação, nesse aspecto ainda pecamos demais, décadas após décadas. Temos a plena convicção da importância do nosso setor para a sociedade. Mas é preciso mostrar a doutrina do cooperativismo, do trabalho em conjunto, os princípios, nossa preocupação com a comunidade como um todo e não apenas com os cooperados. A sociedade precisa saber da importância desse setor. As cooperativas de crédito estão crescendo no Brasil a pleno vapor. Os bancos públicos e até privados têm muita dificuldade para atender clientes de pouca expressão econômica, pois não dão retorno. As cooperativas de crédito não. Elas se preocupam exatamente com a inclusão dos pequenos nas localidades onde os bancos nem sequer chegam. Mas ainda falta uma comunicação mais consistente, até porque quando uma cooperativa quebra por desonestidade ou incompetência, logo surge uma ação de descrédito ao cooperativismo, que não serve. Quando um banco quebra, ninguém diz que o sistema financeiro não serve, e sim aquele banco.

No Espírito Santo, de acordo com a

OCB-ES, o cooperativismo impacta diretamente a vida de 1 milhão de capixabas, praticamente 25% da população do Estado. Como transformar isso em crescimento para o setor?

No Brasil, entre 20% e 25% da população são impactadas pelo setor cooperativo e isso é extraordinário, mas quando comparado à realidade mundial estamos bem atrás. Hoje há um bilhão de pessoas ligadas diretamente ao cooperativismo, indiretamente sobe para quase quatro (bilhões). Talvez seja a doutrina mais importante no planeta. Nem a religião atinge esse número. O Brasil ainda está engatinhando nesse aspecto do ponto de vista econômico, social e político do cooperativismo.

No período em que esteve à frente do Ministério da Agricultura, no governo Lula, como atuou para desenvolver o cooperativismo agrícola. Quais os maiores feitos no período?

Reformulei a estrutura do Ministério responsável por cuidar do cooperativismo. Acredito que a maior conquista foi mudar uma regra do banco Central, permitindo a abertura das cooperativas de crédito. Na-

▼
“Uma cooperativa não é uma sociedade beneficente, ela é uma empresa que presta serviços. Isso tem que ficar claro”

—
ROBERTO RODRIGUES
 EX-MINISTRO DA
 AGRICULTURA

quele período o processo era muito burocrático. Depois disso as cooperativas de crédito tiveram um crescimento espetacular. Abriu um espaço enorme para milhares de pessoas que estavam alheias ao processo. O presidente da República na época (Lula) concordou comigo e conseguimos esse progresso.

Quais os passos necessários para se montar uma cooperativa? Há orientação para auxiliar os produtores?

Uma cooperativa não é uma sociedade beneficente, ela é uma empresa que presta serviços. Isso tem que ficar claro. Ela só terá sucesso mediante três questões. As pessoas que irão criar a cooperativa precisam estar convencidas de que a mesma é necessária. Não adianta fazer cooperativa de cima para baixo, é um movimento de base. A cooperativa precisa ser viável economicamente. Ela não é uma igreja, não vive de esmolas. Isso é central. Terceiro ponto: lideranças para comandar o processo. Não pode ser uma casa de “Mãe Joana”. Em resumo ela tem que ser necessária, viável e com lideranças. Automaticamente o espírito associativo virá por trás disso tudo. Isso vale para qualquer lugar do mundo. ●

A FORÇA DAS MULHERES COOPERADAS

Seja no meio rural seja no urbano, mulheres se unem para garantir renda extra, melhorar a autoestima e promover ações sociais para aumentar o bem-estar da comunidade

LUÍSA TORRE
ltorre@redgazeta.com.br

Se até poucos anos atrás, o papel da mulher tanto na cidade quanto no meio rural era relegado aos cuidados da casa e dos filhos, hoje essa realidade mudou. Mas quando se fala em emancipação feminina, logo vem à cabeça a ideia da mulher executiva, que trabalha em grandes centros urbanos. No entanto, no meio rural também há mulheres empresárias bem-sucedidas que lideram e integram grupos de produção agropecuária. Fortes, determinadas e empreendedoras, muitas mulheres estão transformando a realidade de suas famílias e também de suas comunidades no Estado. E as cooperativas têm um papel determinante nesse percurso da emancipação feminina.

Hoje, no Estado, cerca de 380 mulheres atuam em grupos dentro de oito cooperativas, explica o gerente da área técnica da OCB-ES, Rayner Santos. O trabalho com as mães e filhas de cooperados começou em 2007, com objetivo de resgatar a autoestima das mulheres do interior.

“O primeiro núcleo foi na Veneza, em Nova Venécia. E o outro núcleo paralelo surgiu na Coobriél, em São Gabriel da Palha. Produtoras são comuns nas cooperativas - as mulheres ajudam seus maridos nas propriedades rurais, mas muitas sofrem de um grau de depressão, pois há ainda tarefas com casa, com os filhos, e na cultura da propriedade a mulher se sentia um pouco desvalorizada com relação à atenção que era dada a ela. Depois, o projeto cresceu e se estendeu para que as mulheres comessem a participar junto com marido e filho e, assim, tivessem um papel maior dentro das co-

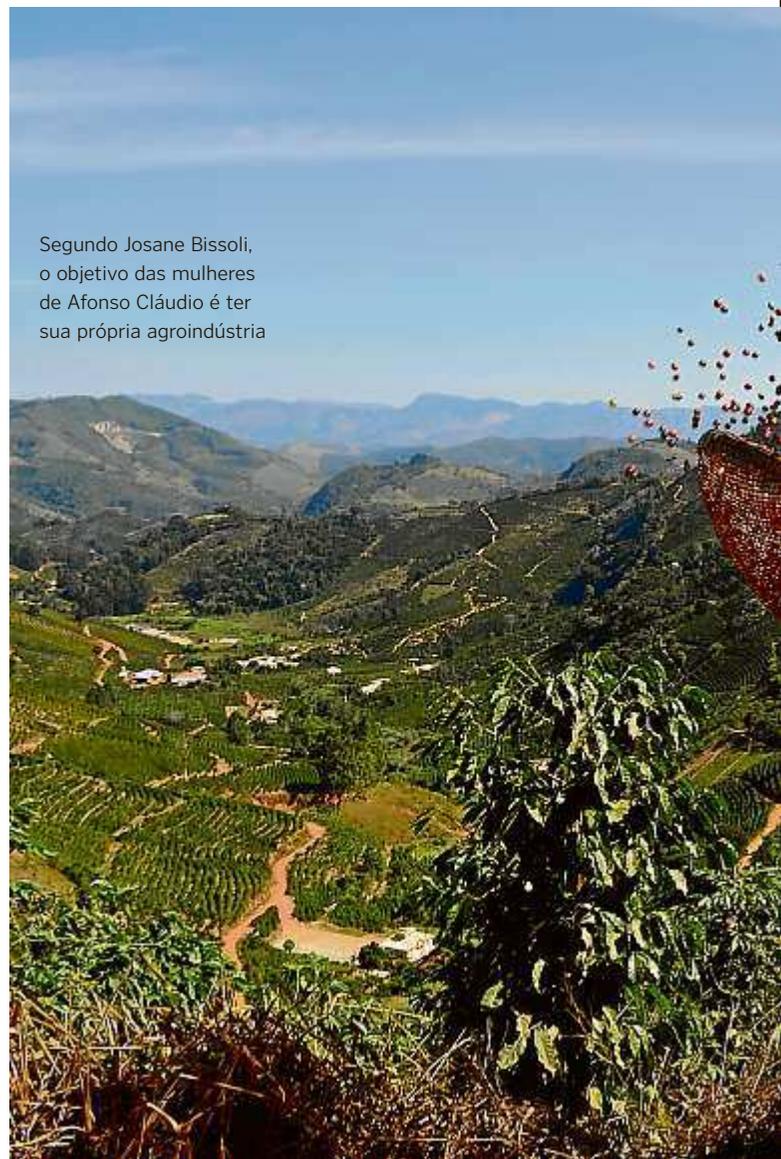
operativas”, explica. Já as mulheres que não têm filhos ou que perderam maridos ficaram como cooperadas dentro das cooperativas agropecuárias.

Depois disso, o projeto dos núcleos femininos passou a ter a função de geração de renda extra para as famílias. “Quando passava por uma crise de preço ou por quebra de safra por causa de seca ou de alagamentos, as propriedades perdiam parte de sua produção e ficavam sem renda. Os núcleos então iriam levar para essas mulheres opções para agregar a renda da família. Elas passaram a fazer atividades de cozinha, artesanato, beneficiamento de café”, detalha Santos.

Com o passar dos anos, o trabalho com as mulheres se expandiu para outros ramos de cooperativas, como o ramo de crédito, o de saúde e o de transportes. Hoje, há grupos de mulheres nas cooperativas Coobriél e Veneza, no Norte do Estado; na Selita e na Unimed Sul Capixaba, no Sul; na Coocafé, na região do Caparaó; na Coopeavi (Santa Maria de Jetibá e Afonso Cláudio), no Sicoob Centro-Serrano (também em Santa Maria de Jetibá) e na Co-optac (Afonso Cláudio). São projetos diversos, que vão desde agregação de valor a produtos rurais para complementação de renda – como produção de pães, biscoitos e farinhas – a campanhas sociais para beneficiar a comunidade ou a cooperativa.

De acordo com o presidente da OCB-ES, Esthério Sebastião Colnago, hoje há um trabalho com quase 300 jovens preparados para sucessão nas cooperativas, já participando da administração e preparados para dar continuidade aos trabalhos. “Temos um trabalho forte com as mulheres cooperativistas. O setor é historicamente muito feito por homens e, agora, es-

Segundo Josane Bissoli, o objetivo das mulheres de Afonso Cláudio é ter sua própria agroindústria



Elza Zambom cuida das aves para ampliar produção de ovos da Coopeavi

FOTOS: RICARDO VERVLOET



A cooperativa elevou a autoestima da produtora Maria Aparecida Tosta



tamos trazendo a família para dentro da cooperativa. A mulher vem humanizando a cooperativa. Ela fortalece também o lado social”, analisa.

VILA DOS PONTÕES

Ávidas por capacitação e atuando para agregar valor e aumentar a qualidade dos produtos, as empreendedoras de Vila Pontões, distrito de Afonso Cláudio, estão ganhando destaque no cenário cooperativista capixaba. São cerca de 20 mulheres ligadas à Coopeavi, que produzem cafés, bolos, biscoitos, pães, doces, feijão, artesanato, fazem cursos de capacitação e gestão e já até reformaram sua sede.

Jucelena Braga Santos, de 40 anos, é produtora rural, mas também trabalha como funcionária pública. Ela é uma das mulheres que está no grupo desde o começo, e conta que ele surgiu em meio a um curso de degustação de café, na região, onde a instrutora sugeriu que elas fizessem um grupo de mulheres. “Nos interessamos e fomos buscando capacitação. Veio curso de culinária, biscoitos, doces, foram surgindo outros cursos, e resolvemos formalizar o grupo”, lembra. Na época, elas eram ligadas à Pronova,

▼ 380 mulheres

Este é o número de cooperadas que atuam no Estado em oito cooperativas. O trabalho com as mães e filhas de cooperados começou em 2007, com objetivo de resgatar a autoestima das mulheres do interior.

cooperativa de Venda Nova do Imigrante, que foi substituída pela Coopeavi.

Segundo ela, em outubro de 2012, as nove mulheres que integravam o grupo decidiram fazer uma festa que envolvesse a vila toda. “Dentro dessa festa, convidamos outras mulheres para fazer parte do grupo. De lá para cá, a mulherada não parou mais. A gente vai em feiras, participa dos eventos na comunidade. Como não tínhamos espaço para trabalhar, começamos fazendo pães e biscoitos na cozinha da igreja. Depois, o prefeito fez uma nova unidade de saúde e a antiga virou a nossa sede. Ele disse que não tinha como reformar, a gente se reuniu, fez feira, tudo que podia e levantamos o dinheiro para bancar o material e a mão de obra. Hoje estamos esperando para ter uma cozinha industrial e um carro, para podermos melhorar nossa produção e distribuição”, diz.

Josane de Souza Lima Bissoli, de 35 anos, é outra produtora rural que é uma espécie de líder dentro do grupo de mulheres. Segundo ela, o objetivo é ter sua própria agroindústria com a marca das mulheres empreendedoras. “Temos um grupo forte, sempre se capacitando, e fazemos trabalhos junto com a cooperativa. Faz parte da nossa vida e é difícil ficar sem. Faz falta participar dos en-

contros, pois as mulheres são animadas. As reuniões são um dia feliz, fazemos bate-papo, bingo, um lanche. É uma motivação grande na nossa vida. É muito gostoso”, comenta.

O grupo se tornou conhecido e virou também referência para a comunidade, que passou a pedir a ajuda das empreendedoras para resolver demandas. “A gente percebeu que sozinhas, a gente não conseguia nada, a gente não tinha voz. Agora, o grupo junto, quando você fala pelo grupo, as autoridades buscam dar resposta, resolvem nossos problemas”, destaca, orgulhosa.

Autoestima que dá para ver na fala de cada um das mulheres, como para a produtora rural Maria Aparecida Tosta Abilio, 42 anos. “As mulheres aqui estão sempre na frente, na colheita, na limpeza. Eu entrei na cooperativa porque precisava comprar adubo mais barato. E aí decidi fazer parte do grupo de mulheres. Ajudo elas a fazerem massa, mas meu ponto-chave é artesanato, crochê e ponto cruz. Eu não tenho marido, tenho que me virar. Trabalho na roça, trabalho em casa, vou para reunião de cooperativa, de sindicato. Sou mulher bombril, mil e uma utilidades”, brinca.

ATTITUDE

Se no campo as mulheres relevam sua força, na cidade elas também fazem a diferença. É o caso do grupo de mulheres da cooperativa Unimed Sul Capixaba, criado em outubro de 2015. Lá, o núcleo feminino realiza ações que fomentam os valores do cooperativismo, especialmente a solidariedade. O núcleo é parceria com a OCB-ES e com o Sescop-ES, e é formado por mulheres cooperadas, esposas de cooperados e colaboradoras. Nas reuniões, elas procuram estimular atitudes, habilidades e competências necessárias para a melhorar a atuação feminina no quadro social cooperativista.

Atualmente, o grupo desenvolve seu primeiro projeto, chamado “Vi Ver Unimed”, com parceria da ONG Renovatio, onde as mulheres buscam oferecer às escolas da região a possibilidade de identificar e solucionar problemas de vista dos alunos da rede pública. Com a identificação do problema, crianças e adolescentes recebem a doação de óculos. A primeira escola contemplada foi a EMEB Professor Florisbelo Neves. Para isso, foi realizado um treinamento com os professores para auxiliá-los a identificar alunos com problemas visuais.

“Estamos empolgadas para ajudar outras crianças com problemas de visão. O projeto tem obtido resultados muito positivos”, afirma a coordenadora do núcleo, Fabíola de Freitas Moraes. ●



Sicoob conquista patrimônio de R\$ 1 bi

Instituição administra R\$ 4,5 bilhões de ativos e já alcançou o status de maior instituição financeira privada do Estado em volume de crédito liberado. Já são 178 mil associados

PAULA GAMA
plidoino@redegazeta.com.br

Há 27 anos no Espírito Santo o Sicoob, maior sistema financeiro cooperativo do país, conquistou 178 mil associados, 98 pontos de atendimento no Estado e R\$ 1 bilhão em patrimônio líquido. A instituição oferece serviços de conta corrente, crédito, investimento, cartões, previdência, consórcio, seguros, cobrança bancária, dentre outros. Ou seja, tem todos os produtos e serviços bancários, mas os clientes são os donos e os resultados financeiros são divididos entre todos.

Diferente das cooperativas de crédito específicas para categorias profissio-

nais, no Sicoob, qualquer pessoa ou empresa pode se associar. “Em uma agência, o processo de abertura da conta é simples, basta apresentar a documentação de cadastro e realizar a integralização mínima de capital conforme o estatuto da cooperativa. Como dono do negócio, o associado tem direito de participar das assembleias de prestação de contas e de acompanhar a gestão da empresa”, afirma Bento Venturim, presidente do Sicoob-ES.

De acordo com o executivo, no Espírito Santo, o Sicoob administra R\$ 4,5 bilhões de ativos e já alcançou o status de maior instituição financeira privada do Estado em volume de crédito liberado. Para ele,



R\$ 2,3 bi
em depósitos

R\$ 1 bi
em patrimônio líquido

R\$ 4,4 bi
de operações de crédito

os custos menores do que os do mercado e a proximidade com o associado são diferenciais importantes. As pesquisas realizadas pela cooperativa apontam índices de satisfação superiores a 84%. Além disso, um total de 97,4% dos cooperados a indicam para seus parentes e amigos.

SUPERAÇÃO DE CRISE

Bento Venturim explica que as instituições financeiras cooperativas tiveram origem em um momento de crise e, historicamente, crescem nessas situações, pois estão próximas das pessoas. Por isso são capazes de proporcionar soluções adequadas e com custos mais baixos do que os do mercado.

“As cooperativas exercem seu papel com destaque em momentos como o que vivemos, pois continuam com seus investimentos nas regiões e ajudam a desenvolver a economia local. O Sicoob continua operando, investindo e gerando oportunidades para os empreendedores associados, firmando-se como uma alternativa segura e viável”, pontua o presidente.

INVESTIMENTO

Os colaboradores e dirigentes do Sicoob-ES fazem treinamentos permanentemente. A capacitação é um dos principais itens do planejamento estratégico da instituição, a primeira formação é oferecida assim que um novo empregado ingressa na cooperativa. Neste curso inicial, são repassadas orientações sobre políticas e procedimentos internos e técnicas de atendimento.

Além da qualificação de pessoal, há investimentos no aprimoramento da infraestrutura de suas unidades e dos meios eletrônicos. A preocupação permanente com soluções tecnológicas mantém canais de atendimento que ajudam o associado (pessoa física ou jurídica) a fazer a maioria das operações pelo celular, pelo computador ou por caixas automáticos. “Essas inovações geram constantes reconhecimentos nacionais para o Sicoob. A mais recente, o Prêmio Relatório Bancário, foi conquistada pelo aplicativo para celular e tablet no final de 2015”, finaliza o presidente. ●



“O Sicoob continua operando, investindo e gerando oportunidades para os empreendedores associados”

BENTO VENTURIM, PRESIDENTE DO SICOOB-ES



“O objetivo é facilitar o acesso ao crédito

—
JOSÉ SUZANO ALMEIDA
PRESIDENTE DA CECOOPES

Cooperativas de crédito crescem

Financiamentos com menos burocracia e taxas de juros reduzidas são os atrativos

PAULA GAMA
plidoino@redgazeta.com.br

Historicamente as cooperativas de crédito são uma saída para quem precisa de capital em momentos de crise. De acordo com dados divulgados pelo Banco Central, entre 2012 e 2015, o número de associados inativos caiu 4% entre pessoas físicas e houve um aumento significativo de sócios com operações de crédito neste período. A oferta de crédito com menos burocracia, taxas de juros reduzidas e participação nos lucros são os

principais atrativos.

“Uma cooperativa de crédito é composta por uma associação de pessoas que buscam, através da ajuda mútua, uma melhor administração de seus recursos. O objetivo é facilitar o acesso ao crédito e prestar serviços de natureza financeira a seus associados, contribuindo para o desenvolvimento de todo o grupo que a constitui”, explica José Suzano Almeida, presidente da Central das Cooperativas de Economia e Crédito Mútuo do Estado do ES (Cecoopes).

Fundada em 2003, a Cecoopes teve uma grande conquista junto ao Banco Central, com a autonomia para realizar operações bancárias pela Compe (Conta de Compensação Própria). Agora

pode oferecer serviços e produtos como internet banking, conta corrente, cheques, aplicações financeiras, cartões de crédito.

O diretor presidente da Cooperativa dos Servidores Públicos Estatutários da Administração Direta do Espírito Santo (Coopfisco), Jocimar Pessi Galter, afirma que com os bancos reduzindo o crédito, o papel da cooperativa ganha destaque. “Com o crédito se tornando cada vez mais restrito e escasso, a cooperativa pode conceder melhor atendimento e recursos a seus associados, já que o associado não é somente um cliente, é também o dono do negócio”.

Além das vantagens em comum a todas as cooperativas de crédito, o diretor presidente, destaca preocupação com a educação e bem estar dos associados e familiares. “A cooperativa mantém convênios e parcerias com diversos serviços e cursos”, diz Pessi. Fundada em 1997, a Coopfisco tem 400 associados e variado portfólio de serviços. ●



“A cooperativa mantém convênios e parcerias”

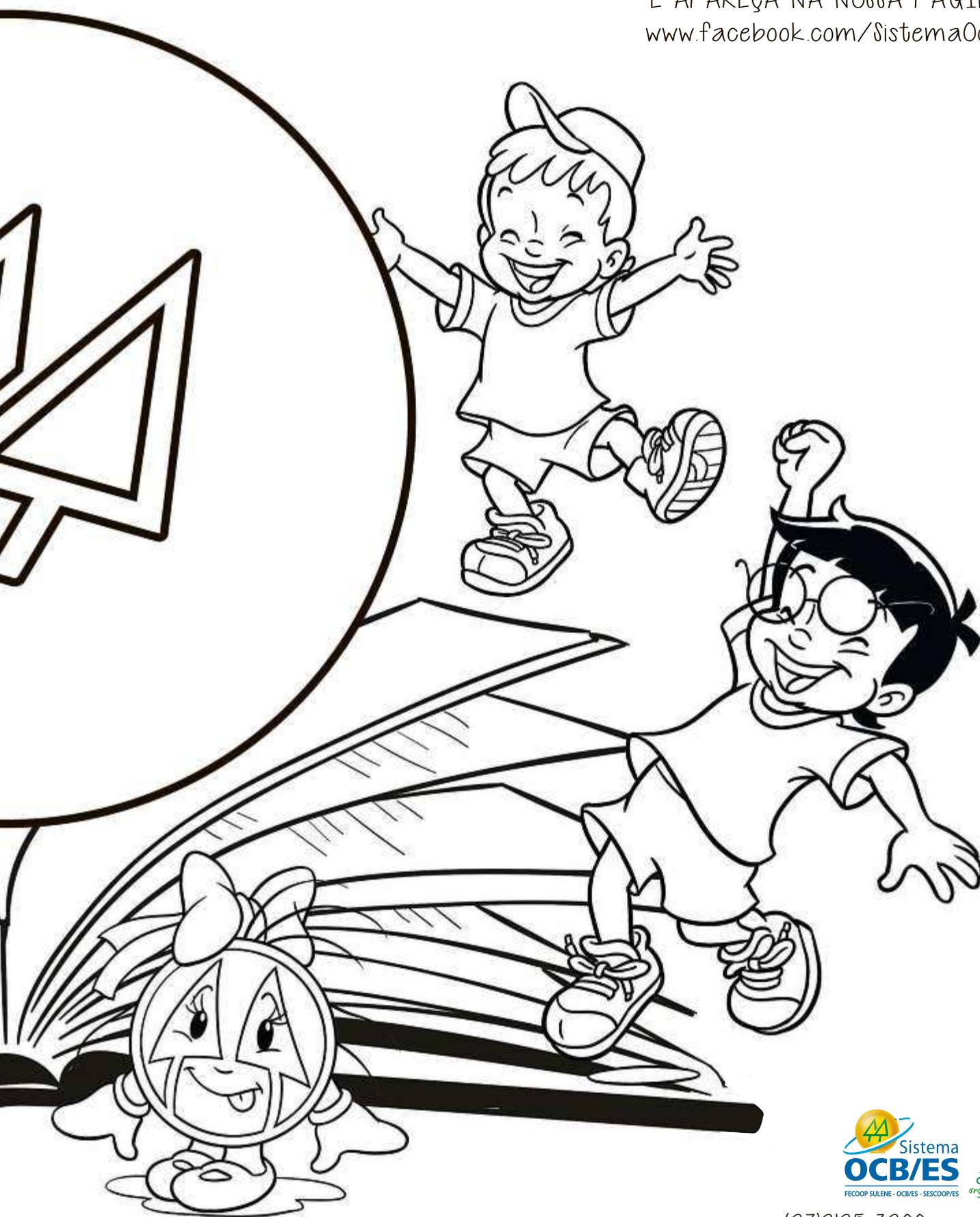
—
JOCIMAR PESSI GALTER
PRESIDENTE DA COOPFISCO

**PINTE NOSSOS AMIGUINHOS E
DÊ VIDA AO COOPERATIVISMO!**



**COOPERAR É CRESCER JUNTO,
NUNCA SOZINHO!**

POSTE SEU DESENHO NO FACEBOOK COM A
#COOPERATIVISMOCAPIXABA
E APAREÇA NA NOSSA PÁGINA OFICIAL
www.facebook.com/SistemaOcbDescoop.es



(27)2125-3200 • www.ocbes.coop.br

Cooperáguia é uma das mais sólidas do crédito



DIVULGAÇÃO/ÁGUIA BRANCA

Com 41 anos de experiência, cooperativa que começou com 30 empregados da Águia Branca hoje soma 9.120 sócios. As vantagens são juros baixos e remuneração do sócio

PAULA GAMA
plidoino@redgazeta.com.br

Com 41 anos de experiência a Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Empregados do Grupo Águia Branca (Cooperáguia) segue investindo em tecnologia, redução da burocracia e programas sociais para os associados. A instituição, que foi constituída por 30 empregados da companhia de transportes, hoje soma 9.120 cooperados.

A história começou em 1975 quando os sócios do grupo Águia Branca incentivaram e apoiaram os empregados a montarem uma cooperativa. O objetivo inicial era atender as necessidades econômicas e financeiras dos associados por meio da ajuda mútua. Para participar, o funcionário deposita mensalmente 2% do salário base na instituição, o valor é devolvido em caso de demissão. As grandes vantagens, de acordo com o diretor administrativo da Cooperáguia, Wallace Bacelar da Silva, são os juros do crédito reduzidos

e a remuneração do sócio.

“A primeira grande vantagem é a taxa de juros praticada. Como o Capital é do próprio associado, sem intermediação e complexidade nas operações, o custo da captação é pequeno e os gastos de gestão também, mas suficientes para remunerá-lo adequadamente. Vantagem também importante é a forma de remunerar o sócio, feita com parte dos juros pagos na tomada de crédito. Outro benefício é a participação na distribuição das sobras (lucros) geradas pela cooperativa”, avalia o diretor.

Para a Cooperáguia as preocupações iniciais ainda são as principais, ou seja, cuidado com a relação direta com o associado, em especial, no papel de captação de recursos, empréstimos a taxas especiais, remuneração do capital dos sócios e distribuição das sobras. Há linhas de crédito especiais para educação, saúde, construção, computador, turismo e funeral – reforçando a preocupação da instituição com a qualidade de vida e tranquilidade de seus cooperados e fa-



“Vantagem importante é a forma de remunerar o sócio, feita com parte dos juros pagos na tomada de crédito. Outro benefício é a participação nos lucros”

WALLACE BACELAR
DIRETOR

miliares. Além disso, oferece diversos programas sociais para os participantes, como treinamentos, cursos, incentivo ao esporte e atividades com as crianças.

O diretor ainda destaca a administração como diferencial. “Os custos são bem administrados com orçamento anual e análise mensal de acompanhamento de resultado. Os representantes do quadro social nas assembleias são treinados para exercer este papel com competência, os diretores possuem alto nível técnico de gestão em negócios, trabalha-se com planejamento estratégico e análise constante de riscos e oportunidades. O processo de controle com auditorias e processos cada vez mais adequados e revisados é uma meta constante da gestão da Cooperáguia”.

Os investimentos mais recentes se concentraram na área de tecnologia, como criação de site novo e interação via e-mail, eliminando de papéis e burocracias. Agora, a Cooperáguia fornece acesso ao associado, via portal digital, para contratar suas operações, avaliar seus extratos, simular empréstimos, retirar informações para auxiliá-lo com dados do Imposto de Renda, entre outros serviços. ●

Inocoopes realiza sonho de milhares de capixabas

Já são mais de 41 mil unidades produzidas, sendo que anualmente são lançados mil apartamentos e casas em vários municípios da Grande Vitória e no interior do Estado

THIAGO SOBRINHO
tsobrinho@redgazeta.com.br

A expressão é um clichê, mas nem por isso deixa de ser inverossímil: um dos maiores sonhos do brasileiro ainda é conquistar a casa própria. E, para facilitar a vida daqueles que ainda não têm em mãos a chave de sua casa ou apartamento, o capixaba tem como aliado o trabalho das cooperativas habitacionais.

Com empreendimentos que possuem unidades a preços abaixo dos praticados no mercado, essa é uma opção para os associados que desejam sair de uma vez do aluguel; ou, até mesmo, para quem já tem a sua casa própria e enxerga na aquisição de um novo imóvel a oportunidade de investimento.

Aqui no Estado, quem coordena o trabalho dessas cooperativas é o Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais do Espírito Santo (Inocoopes). Com atuação no mercado imobiliário capixaba desde o final da década de 1960 e a dois anos de comemorar meio século de trabalhos, a importância do Inocoopes pode ser percebida em seus números: são mais de 41 mil unidades produzidas.

“São quase mil apartamentos construídos por ano em vários municípios da Grande Vitória e no interior do Estado”, destaca Aristóteles Passos Costa Neto, diretor presidente da entidade.

Ainda de acordo com ele, além de tornar uma realidade o sonho da casa própria para milhares de capixabas, as cooperativas têm um papel social nas áreas onde os empreendimentos são



“São pessoas que compram o primeiro imóvel para morar, mas parte dessa clientela é de pessoas que os adquire para investimento de renda”

ARISTÓTELES PASSOS COSTA NETO, DIRETOR PRESIDENTE DO INOCOOPEES

41 mil unidades

foram produzidas por cooperativas habitacionais do Inocoopes nos últimos 48 anos



Residencial Riviera Azul, em Jacaraípe: objetivo da cooperativa é desbravar áreas em todo o Estado



Fachada do Edifício Recanto de Camburi: Inocoopes vai lançar mais mil unidades em Jardim Camburi

erguidos. “As cooperativas são desbravadoras de áreas. Onde vamos, encontramos áreas sem infraestrutura, desenvolvemos empreendimentos e criamos bairros em desenvolvimento”, explica Aristóteles.

Um desses exemplos é o bairro de Laranjeiras, na Serra, que surgiu de um empreendimento de cooperativa com 1,8 mil residências ainda na década de 1980. A partir daí, o bairro foi se expandindo – hoje a região conta, inclusive, com Laranjeiras II – e, atualmente, segundo o diretor presidente do Inocoopes, “Laranjeiras é o metro quadrado mais caro da Grande Vitória”.

Também na Serra, outros bairros que nasceram do empurrão de empreendimentos capitaneados por cooperativas são Serra Dourada (I, II e III), Barcelona e Eldorado. Já em Vila Velha, o bairro Coqueiral de Itaparica, um dos espaços de maior destaque do município, recebeu há quase trinta anos cerca de 5,4 mil apartamentos nos mesmos moldes. Além disso, outros bairros canelas-verde – Novo México, Guadalajara,

Jardim Asteca, Araçás e Guaranhuns - foram batizados a partir de empreendimentos que se instalaram naquelas áreas.

FUTURO

Apesar da crise, Aristóteles acredita que a situação enfrentada pelo mercado imobiliário pode tomar novos rumos nos meses seguintes. “Estamos acreditando que essa mudança institucional que o país vive pode ajudar e o momento de lançar novos empreendimentos seja agora no segundo semestre ou no final dele”, prevê.

“Estamos com projetos de lançamentos de mil novas unidades em Jardim Camburi, em Vitória; em Coqueiral de Itaparica, Vila Velha; e na Praia do Morro, em Guarapari. Só que temos de ver o momento mais apropriado”, ressalta. Em Jardim Camburi a expectativa é de lançamento de dois empreendimentos na Rodovia Norte-Sul: um de apartamentos quarto e sala; e outro com três e quatro quartos. Já em Guarapari, o investimento terá 240 unidades com dois quartos, suítes e 57 metros quadrados de área. ●

Coopmet aposta em treinamento e assessoria a empresas

Com 18 anos de atuação, a Cooperativa de Segurança e Medicina do Trabalho está investindo para melhorar o capacitação dos profissionais, com foco sempre no cliente

DARSHANY LOYOLA
dvieira@redgazeta.com.br

Voltada para o trabalho e fundada em fevereiro de 1998, a Cooperativa dos Prestadores de Serviços de Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho (Coopmet), que começou com 21 cooperados, atingiu a maioria com um quadro de 136 cooperados. E no atual momento vivido pelo país, a cooperativa se destaca por ajudar outras empresas a enfrentarem a crise.

“Podemos dar assessoria e propor melhorias. Por exemplo, há programas de controle ocupacional e de prevenção de riscos ambientais que podem ser ampliados e revistos de acordo com o momento econômico que a empresa está passando”, explica.

A cooperativa também viu na crise econômica atual uma excelente oportunidade de rever seus processos internos e dar atenção àqueles pontos que costumava-

vam ser deixados de lado no dia a dia. “A crise afeta todos os setores, inclusive o de trabalho. Mas ela nos fez pensar no que podemos melhorar para deixar nossos profissionais sempre bem treinados e atualizados, com excelência para as empresas, que procuram isso”, afirma a Maria das Graças Caus de Souza, presidente da cooperativa.

E nesses 18 anos de existência, essa não foi a primeira crise pela qual passou a Coopmet. “Quando conseguimos comprovar que somos bons em alguma coisa, é um ponto positivo numa situação de crise. Passamos por outros momentos críticos e superamos com eficiência e competência todos eles. Nosso foco, que nunca perdemos, é o cliente”, comenta a presidente.

Investimentos que vêm desde quando a cooperativa se ergueu são medidas que auxiliam a instituição a enfrentar quaisquer dificuldades decorrentes da recessão. “Começamos pequeninhos e buscamos sempre ampliar clientes e serviços. Investimos

em engenharia de segurança e medicina do trabalho, em equipamentos, treinamentos não só dos nossos técnicos, mas também para as empresas. Fornecemos também atendimento da área de psicologia, para a empresa que quer melhorar seu atendimento”, conta a doutora.

CAPACITAÇÃO: PALAVRA CHAVE

Como 2016 é, definitivamente, um ano ruim para a economia brasileira, as empresas reduziram seus investimentos. Por isso, por enquanto, a Coopmet está sem novidades, aproveitando o momento para capacitar seus cooperados. “A única coisa que temos por enquanto são possibilidades. As empresas estão com pouco investimento. Estamos pegando os profissionais e melhorando suas capacitações”, pontua a presidente da cooperativa.

De acordo com ela, para o futuro, o objetivo é a ampliação dos serviços. “Assim daremos mais oportunidades para os cooperados para que possam melhorar o desempenho financeiro. Nós os capacitamos agora para conseguir mais clientes lá na frente”, finaliza. ●



“Passamos por outros momentos críticos e superamos com eficiência e competência todos eles. Nosso foco, que nunca perdemos, é no cliente”

MARIA DAS GRAÇAS CAUS
PRESIDENTE DA COOPMET



DIVULGAÇÃO

Médicos têm metas ousadas

75% dos atendimentos de urgência e emergência são feitos pelas cooperativas médicas que atuam nos hospitais

DARSHANY LOYOLA
dvieira@redegazeta.com.br

A Federação Brasileira das Cooperativas de Especialidades Médicas (Febracem), que reúne sete cooperativas médicas em seu quadro, fechou 2015 com cerca de 650 mil procedimentos médicos realizados e tem uma meta ousada para este ano. “Não se trata de um número, e sim de quebrar barreiras e mostrar às organizações sociais que somos um modelo econômico e socialmente mais oportuno para se formar parceria na prestação de serviços médicos”, declara o presidente da federação, o médico Erick Freitas Curi.

A ideia é ganhar apoio da sociedade

DIVULGAÇÃO/FEBRACEM



De acordo com o Dr. Erick Curi, a federação pretende investir em ações de prevenção

para crescer ainda mais. Com três anos de trajetória, a Febracem já traçou o planejamento para atingir seus objetivos.

De acordo com Curi, os planos para o futuro da Febracem se dividem em três partes: a econômica, a política e a so-

cial. Economicamente, a federação planeja que as cooperativas se tornem cada vez menos dependentes do poder público. Politicamente, que as cooperativas tenham um entendimento de que possuem suas próprias políticas. E, socialmente, intensificar as ações preventivas, uma vez que 75% dos atendimentos de urgência e emergência são feitos pelas cooperativas médicas. “Queremos aumentar as ações na questão da combinação do álcool e direção, do uso de drogas por adolescentes”, revela Curi.

Em relação à crise, a cooperativa está preparada para enfrentar esse momento difícil pelo qual passa a economia no Brasil. “Em tempos de crise, não tem jeito, todo mundo sofre. Mas nesse momento, o cooperativismo é o modelo econômico mais preparado para esse enfrentamento. A maioria das cooperativas possui fundos essenciais de amparo de apoio técnico”, afirma o médico. ●

▼
650
mil

procedimentos médicos foram realizados por cooperativas médicas ligadas à Febracem em 2015.

Cooperativa de Ortopedistas é modelo para o país

O objetivo da Cootes é atender à população com toda qualidade, eficiência e resolutividade semelhantes ao que é oferecido nos hospitais privados

DINÁ SANCHOTENE

dsanchotene@redgazeta.com.br

Profissionalizar e buscar novos caminhos para fortalecer ainda mais a especialidade de ortopedia no Estado. Este é um dos trabalhos desenvolvidos pela Cooperativa dos Ortopedistas e Traumatologistas do Espírito Santo (Cootes).

“Estamos implantando várias medidas que podem ajudar a medicina suplementar. A ideia é buscar novas parcerias no campo privado e estudar algo que beneficie ainda mais a população”, diz o presidente da cooperativa, Alceuleir Cardoso de Souza.

A experiência em serviços médicos especializados realizados pela Cootes é confirmada por mais de 20 anos de trabalho junto ao governo do Estado. A cooperativa conta hoje com 250 cooperados, que desenvolvem atividades na rede pública.

“Apesar do momento econômico nacional ser instável, a Cootes está sempre pensando no cooperado, buscando valorização, garantindo postos de trabalho. Percebemos que as pessoas estão deixando os planos de

saúde privado e indo para a rede pública. O nosso trabalho é atender essas pessoas com toda qualidade que a Cootes tem, garantindo uma eficiência e resolutividade semelhante ao oferecido no privado. Estes atendimentos oferecidos são tanto no campo das urgências traumáticas quanto nas patologias ortopédicas eletivas”, afirma o presidente.

É bom lembrar que alguns atendimentos estão concentrados na rede pública. Alceuleir informou que, no Estado, são cerca de 300 mil atendimentos por ano. “O Estado é um dos únicos a oferecer este atendimento global, que vai do mais simples ao mais complexo. Não existe no Brasil essa facilidade. Somos modelo para o país”, enfatiza.

Só para se ter uma ideia, o Hospital Estadual de Vila Velha é referência em cirurgia de mão.

Outro destaque fica por conta do método Ili-zalov, que consiste na reconstrução em pessoas que tiveram perda óssea, por acidente ou infecção. “Fazemos a reconstrução após trauma grave em bacia, joelho e ombro. A cooperativa é capaz

de oferecer todo tipo de especialidade nacional e internacional, mais que na rede particular”, aponta Alceuleir. ●



“A Cootes está sempre pensando no cooperado, buscando valorização e garantindo postos de trabalho”

ALCEULEIR SOUZA
presidente da Cootes

250
cooperados

Este é o número de médicos que desenvolvem atividades na rede pública capixaba representando a Cootes. Cooperativa tem mais de 20 anos de trabalho junto ao governo do Estado

Melhores especialistas em neurocirurgia do Estado

HÁ MAIS DE 20 ANOS a Cooperativa dos Neurocirurgiões do Estado do Espírito Santo (Coopneuro) atua nos hospitais da rede estadual de saúde. Para o presidente da entidade, Paulo Paiva, no atual momento, o mais importante é manter os postos de trabalho.

“Participamos de ações do governo, indicando o que precisa melhorar. Também agimos junto com a Sociedade Brasileira de Neurocirurgia, por meio da campanha Pense Bem, que atua na prevenção de acidentes”, diz.

Por anos, os 65 cooperados atendem cerca de 75 mil pacientes em cinco hospitais: São Lucas, Infantil, Dório Silva, Roberto Silves, Sílvio Avidos e Hospital de Urgência e Emergência. “Fazemos atendimentos de urgência e emergência, consultas e cirurgias. Uma das maiores virtudes é ter os melhores especialistas do Estado que atendem tanto na rede pública quanto na particular”, ressalta. ●

Cirurgiões cardíacos acabaram com a fila de espera

A COOPERATIVA DE CIRURGIÕES Cardiovasculares do Espírito Santo (Coopcardi/ES) é responsável pelas cirurgias cardíacas na rede pública. Os atendimentos ocorrem nos hospitais São José, em Colatina; Rio Doce, em Linhares; das Clínicas, em Vitória; Evangélico, em Vila Velha e Cachoeiro de Itapemirim.

O presidente da cooperativa, Fabrício Otávio Gaburro Teixeira, ressalta que o Espírito Santo pode ser o único do país a oferecer essas cirurgias. “A fila de espera é relativamente pequena para cirurgia. Só para se ter uma ideia, quando começamos, há oito anos, fazíamos somente 20 procedimentos por mês. As pessoas chegavam a morrer na fila. Hoje são 120 atendimentos mensais e ninguém mais morre na fila”, destacou o presidente. A cooperativa conta com 25 cooperados que realizam 1.500 atendimentos por ano. ●

REPRODUÇÃO DA INTERNET





“Vamos continuar investindo na atenção primária, nos programas de prevenção desenvolvidos no Viver Unimed, na nossa rede própria e em nossa gestão”

ALEXANDRE RUSCHI
PRESIDENTE
DA UNIMED
FEDERAÇÃO

Unimeds unidas pela prevenção

Ações de promoção de saúde ganham mais força com expansão das atividades para o interior, inclusive com um novo hospital em Cachoeiro

Com 24 anos de atuação e referência no Estado, a Unimed Federação Espírito Santo se mantém líder no mercado de saúde suplementar, graças a ações em que busca manter o diálogo com as cooperativas capixabas e o alinhamento com o Sistema Unimed.

“O nosso trabalho é para fortalecer a gestão das cooperativas, além de oferecer capacitação para os cooperados e colaboradores das Unimeds do Estado”, afirma o presidente da Unimed Federação Espírito Santo, Alexandre Augusto Ruschi Filho, em material enviado pela assessoria de imprensa.

Apesar da liderança, a Federação se preocupa com o cenário de crise vivido pelo mercado como um todo e também sente as inúmeras dificuldades que ameaçam o negócio e transformam o trabalho de gestão das cooperativas em um desafio diário. São fatores como a judicialização da saúde, a excessiva regulação, os reajustes incapazes de arcar com as novas coberturas previstas a cada novo rol, entre outros tantos.

PROJETOS

Mesmo com esses obstáculos, a cooperativa mantém o objetivo de desen-

volver projetos focados na ampliação da prevenção e da promoção de saúde.

Formada pelas Unimeds Norte Capixaba, Noroeste Capixaba, Piraqueaçu, Sul Capixaba e Vitória, a Unimed Federação atende hoje 490 mil clientes no Estado, com cerca de 3.268 médicos cooperados e 3.850 colaboradores. Piraqueaçu, aliás, foi a grande novidade neste ano, já que, assim, a Unimed Vitória ampliou sua atuação para outros 10 municípios do Estado: Aracruz, Ibraçu, João Neiva, Fundão, Santa Teresa, Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina, Itarana, Laranja da Terra e Itaguaçu.

Também em 2016, os cooperados da Unimed Sul Capixaba aprovaram a constituição de Fundo de Investimento Imobiliário (FII) para a construção de um novo hospital de forma modular, em Cachoeiro de Itapemirim. A próxima etapa agora é dar início à constituição legal do FII, com a instituição de suas regras para iniciar a comercialização de cotas no valor necessário para executar a obra. A nova unidade será capaz de atender procedimentos de média e alta complexidades. ●

Pioneirismo é vantagem da entidade de anestesiológicos

Hoje, uma das novidades da Coopaneestes é a implantação de sistemas on-line de substituições, que informarão em tempo real aos hospitais eventuais trocas de plantonistas

DARSHANY LOYOLA
dvieira@redgazeta.com.br

Com 24 anos de existência e um quadro atual de 285 cooperados, a Cooperativa dos Anestesiologistas do Espírito Santo (Coopaneestes) é uma das pioneiras no segmento de cooperativas médicas no Estado. Uma das novidades da cooperativa este ano é a implantação de sistemas on-line de substituições, que informarão em tempo real aos hospitais eventuais trocas de plantonistas. “Isso é um avanço, tanto para o cooperado quanto para os parceiros que sempre saberão, com antecedência, quem estará em cada plantão”, pontua Jacqueline Coelho Ferreira, administradora da Coopaneestes.

Também está em fase de implantação e teste o faturamento on-line, ou seja, o próprio médico digita o atendimento, aciona um comando e a cooperativa recebe imediatamente. “Isso permite que a equipe de faturamento demande mais tempo analisando e criticando o evento, podendo fazer as devidas correções e reduzir os índices de glosas (não pagamento por parte dos planos de saúde)”, explica a administradora.

A crise que afeta o país não assusta a cooperativa, que já vinha tomando medidas para economizar e se ajustar ao momento econômico. “Acomodar todas as necessidades da cooperativa enquanto instituição e atender os cooperados nas suas



DIVULGAÇÃO/COOPANESTES

demandas num cenário de recessão têm demandado esforços extras de todos, mas algumas medidas adotadas já há quatro anos têm ajudado a cooperativa a minimizar os efeitos desse momento difícil na economia brasileira”, afirma Jacqueline.

▲ Jacqueline Coelho Ferreira, administradora da Coopaneestes, conta que eles reduziram o desperdício

No início dessa década, a Coopaneestes começou a se remodelar e se reestruturar. “Como é uma instituição sem fins lucrativos, a eliminação do desperdício foi uma medida muito eficaz. O pensamento voltado para a sustentabilidade se estendeu aos nossos parceiros, permitindo negociações que atendessem às duas partes”, conta Jacqueline.

UNIÃO

Segundo a administradora, a união dos cooperados foi outro fator relevante: na crise, todos ficaram mais parceiros e colaboraram na busca da excelência. “Como essas ações já vinham sendo adotadas, a combinação desperdício zero, política de ganha-ganha e união dos cooperados tem permitido manter as operações da cooperativa quase sem nenhum impacto na qualidade da prestação do serviço”, afirma. “O maior desafio hoje é buscar novos postos de trabalhos para os cooperados, uma vez que com a estrutura forte, transparente e coesa, todos os meses novos anestesiológicos se cooperam”, completa.

Jacqueline vê as quase duas décadas e meia de trajetória da instituição como um período de muitas lutas e aprendizado. Para o futuro, a cooperativa pretende buscar sempre o melhor para o cooperado. “Acreditamos que a tranquilidade, segurança e satisfação do cooperado com a cooperativa se reflete num atendimento cada vez melhor à população. Nosso norte é o cooperado tranquilo”, declara. ●

Intensivistas atuam para atender bem nas UTIs

A DEMANDA POR VAGAS de leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTI) é grande, mas há poucas. A oferta é pequena na rede de saúde estadual. Em alguns casos, cirurgias importantes chegam a ser desmarcadas por conta da falta de leito disponível para receber os pacientes.

A Cooperativa dos Médicos Intensivistas do Espírito Santo (Cooperati) atua nas unidades em sete hospitais estaduais, entre eles o Dório Silva, na Serra; São Lucas, em Vi-

tória; Roberto Silveiras, em São Mateus, e Sílvio Avidos, em Colatina. Ao todo, são 115 médicos intensivistas cooperados.

“Prestamos serviços às UTIs, que estão sempre lotadas. Nosso trabalho é garantir a presença de um profissional com a qualificação técnica necessária para atender à população, sempre obedecendo as regras do Ministério da Saúde”, diz o membro do Conselho da Cooperati, o médico Jorge Luiz Potratz.

O médico ressalta ainda que a cooperativa

disponibiliza uma equipe mínima para facilitar a administração por parte do gestor público.

“A assistência ocorre de forma ininterrupta. Os hospitais privados têm investido em novas unidades, mas no setor público esse investimento depende da gestão. O ideal era ampliar a oferta de leito, pois diminuiria o sofrimento da população. Esse investimento traria um retorno gratificante tanto para o gestor quanto para adequação da necessidade da população”, observa. (Diná Sanhotene) ●

DIVULGAÇÃO/COOPERCIGES



Os médicos da Cooperciges estão engajados em parcerias com faculdades para a formação de novos profissionais

Cirurgiões apostam no social e na interiorização

Médicos desenvolveram projeto que ensina primeiros socorros aos jovens. Além disso, vale destacar a preocupação da cooperativa em levar profissionais para o interior do Estado

DARSHANY LOYOLA
dvieira@redgazeta.com.br

Enquanto a economia no Brasil passa por um momento delicado e muitas empresas vivem em meio a ajustes para enfrentar as dificuldades causadas pela crise atual, a Cooperativa dos Cirurgiões Gerais do Estado do Espírito Santo (Cooperciges) consegue se manter de pé e crescer ainda mais. Essa é a visão do presidente da cooperativa, Fabiano Pimentel Pereira: “Diretamente não se tem impactos, pois somos uma cooperativa de prestação de serviço. Graças ao nosso próprio modelo

socioeconômico sustentável, conseguimos crescer nesse momento”, afirma.

Segundo o presidente, a prática de preços inferiores aos do mercado, aliada ao aumento constante da qualidade nos serviços de urgência e emergência nos hospitais do Estado, favorece o cenário positivo da cooperativa durante tal crise. “Isso nos ajuda a prestar o serviço com excelência e assim conseguimos sobreviver. Aumentamos a qualidade com o mesmo valor. Esse é o grande diferencial que nos possibilita continuar crescendo”, diz Pereira. “Além disso, temos regularidade técnica e nos engajamos nas par-



181.036 cirurgias

Este foi o número de atendimentos cirúrgicos em hospitais públicos realizados por cooperados

cerias com faculdades na formação de novos profissionais”, completa.

Com 310 cooperados e 20 anos de história, a Cooperciges acumulou, em 2015, 181.036 procedimentos de atendimentos cirúrgicos em hospitais públicos. Só entre janeiro e maio deste ano, já foram 79.196, o que comprova o crescimento da cooperativa. “Provavelmente vamos ultrapassar o número de 2015 em 2016. É um crescimento contínuo”, comenta o presidente.

Um dos projetos mais recentes da cooperativa encontra-se no campo social. Trata-se de um projeto de treinamento sobre primeiros socorros voltado para crianças e adolescentes. “Apresentamos no Dia C, ou seja, o Dia do Cooperativismo. É uma oportunidade de estar próximo da comunidade, que é necessária, que precisa de informação. Esse ano estamos com a proposta de realizar neste segundo semestre.”

HOJE E ADIANTE

A Cooperciges está presente nos hospitais públicos Antônio Bezerra da Faria, em Vila Velha; Dório Silva, na Serra; Silvio Avidos, em Colatina; Dr^a Rita de Cássia, em Barra de São Francisco; Roberto Arnizaut Silveiras, em São Mateus; e Infantil Nossa Senhora da Glória; e mais recentemente no novo São Lucas, na Capital; Estadual Infantil e Maternidade Alzir Bernardino Alves (Himaba), em Vila Velha; e Estadual Dr. Jayme Santos Neves, na Serra. Além da maioria dos hospitais privados do Estado. Com esse campo enorme de atuação, para o Fabiano Pimentel Pereira, o grande marco da cooperativa é a interiorização dos especialistas.

“Enquanto se encontram dificuldades em conseguir a interiorização de médicos, nós conseguimos a interiorização de especialistas. Hoje em dia, cidades como Colatina, São Mateus e Barra de São Francisco têm especialistas que saíram daqui e foram para lá. Isso tira a sobrecarga da Grande Vitória”, pontua.

Para o futuro, a cooperativa tem como plano fortalecer ainda mais seu sistema socioeconômico sustentável. “Queremos manter palavras de ordem como transparência e ética”, declara. ●



“Graças ao nosso próprio modelo socioeconômico sustentável, conseguimos crescer nesse momento”

FABIANO PIMENTEL PEREIRA, PRESIDENTE DA COOPERCIGES

Coopeavi investe em um condomínio avícola

Cooperativa agrícola, que é forte no segmento cafeeiro e avícola, se fortalece melhorando processos e investindo

FOTO: RICARDO MEDEIROS



A cooperativa, que já tem 4 linhas de produção de ovos, terá agora 22 galpões que comportam até 100 mil aves cada um

RUHANI MAIA

rgama@redegazeta.com.br

O ano de 2016 da Cooperativa Agropecuária Centro Serrana (Coopeavi) está sendo marcado por adequações para enfrentar a falta de água. Mesmo assim, a cooperativa aposta no investimento em um condomínio avícola para continuar a crescer.

Como a produção não pode parar, a cooperativa está contando com a experiência de 52 anos de atuação na área para minimizar esses impactos. De acordo com Denilson Potratz, vice-presidente da Coopeavi, o grupo vem buscando soluções internas para enfrentar e superar os desafios.

“A maior crise que nos afeta é a hídrica. É por isso que a gente nem tem sentido tanto a crise econômica. A seca impede que se chegue ao processo de venda do produto para o mercado. Então, antes mesmo de sentir a crise econômica, os produtores estão sofrendo com a falta de água. A gente tem que rever os nos-

▼
11 mil associados

Este é o número de sócios da Coopeavi, que tem 52 anos de atuação e 4 linhas de produção

so processos para conseguir driblar essa situação”, afirma.

Entre os processos que estão sendo revistos pela cooperativa estão a assistência ao campo por meio de uma consultoria técnica e a orientação do uso consciente da água. Ou seja, a Coopeavi está recorrendo a medidas simples e acessíveis, que podem ser encontradas e executadas dentro da própria cooperativa. “A gente vai se virar com o que tem”, considera Potratz.

LINHAS DE PRODUÇÃO

A Coopeavi está investindo em algumas linhas de produção. Atuante no ramo da avicultura, café, nutrição animal e produtos agropecuários, o grupo pretende construir um condomínio avícola em Santa Teresa, Região Serrana do Estado, onde recentemente comprou uma propriedade de 60 hectares.

“O condomínio terá 22 galpões que comportam até 100 mil aves cada. A ideia é oferecer um serviço padronizado e homogêneo. Em vez de trabalhar

na propriedade dele, o produtor trabalharia no condomínio. Ele não consegue trabalhar com aves de forma padronizada sozinho, na própria propriedade”, explica Potratz.

O vice-presidente da Coopeavi adiantou, inclusive, que o primeiro galpão será inaugurado no próximo dia 10 de julho, e que até o final do ano o outro galpão será apresentado. “Essa é a nossa novidade para este ano. Estamos pensando nesse projeto há uns três anos”, ressalta.

E o investimento é proporcional à expectativa com relação às crises que têm marcado o ano de 2016. Potratz acredita que o cenário atual tende a mudar, e que a seca é momentânea. Além disso, salienta que é importante que os cooperados estejam juntos para enfrentar não só esses como os novos desafios que vierem pela frente. “Estamos trabalhando. Acho que temos um futuro promissor. A cooperativa tem que andar junto, lado a lado, para obtermos o sucesso”, acrescenta. ●



“Estamos trabalhando. Acho que temos um futuro promissor. A cooperativa tem que andar junto, lado a lado, para obtermos o sucesso”

DENILSON POTRATZ,
VICE-PRESIDENTE DA COOPEAVI

Nova cooperativa agrícola quer crescer

Agrocoop, que trabalha com café industrializado, frutas e camarão da malásia, aposta no bom atendimento para ter sucesso

RUHANI MAIA
rgama@redgazeta.com.br

A mais nova cooperativa do Estado, Cooperativa Agroindustrial do Espírito Santo (Agrocoop), está apostando no bom atendimento ao cliente e tem conseguido se manter no mercado. Prova disso é o aumento na venda de produtos, registrado nos últimos meses. A cooperativa, que trabalha com café industrializado, frutas e camarão da malásia, tem crescido a cada mês e, mesmo não alcançando números esperados, tem comemorado os resultados e refletido isso no tratamento ao cliente.

Mesmo diante do cenário que com-



DIVULGAÇÃO/AGROCOOP

bina seca e crise econômica, no ano que vem, a cooperativa vai incrementar a industrialização do café com uma nova indústria de torrefação, ampliando assim essa linha de atuação. A expectativa para os próximos anos é de muito trabalho.

“Acredito que vai melhorar. Os produtores devem continuar produzindo, porque essa fase vai passar. Mercado

▲ Cooperados planejam uma nova indústria de torrefação de café

tem. O negócio é continuar e se preparar para essas crises, trabalhando da melhor maneira possível”, frisa o diretor executivo da Agrocoop, Wellington Luiz Pompermayer.

O grupo, que planejava atingir um volume maior de vendas, tem conseguido manter o objetivo, mesmo com alguns entraves. “A ideia é se manter abaixo do esperado, mas crescente. Temos crescido mês a mês. Em algumas demandas chegamos a comprar de fora. Temos algumas parcerias e, para atender aos clientes, acabamos comprando de fora”, explica.

A cooperativa é administrada em Vitória, mas toda produção é desenvolvida no interior do Estado. Em Jaguaré são produzidos mamão, maracujá e goiaba. Já o trabalho com o café é realizado em Venda Nova do Imigrante e Iúna (café arábica) e em São Gabriel da Palha (café conilon). São dois anos de atuação e um total de 68 cooperados. ●

Veneza une esforços para minimizar crise hídrica

Cooperativa passou a trabalhar incansavelmente para frear os efeitos da falta de água e está empenhada em atender quem não consegue alimentos para os animais

MARIANA PERIM

mvteixeira@redegazeta.com.br

Muitíssimo requisitada na mesa dos capixabas, a cooperativa de leite Veneza tem unido seus produtores para enfrentar a crise hídrica que afeta o setor. A entidade, que possui atualmente 1,2 mil cooperados, está dando exemplo para outras cooperativas na atuação rápida para ajudar quem está em mais dificuldade na seca.

As atenções nos últimos meses voltaram-se principalmente para a compra de alimentos para os animais. “Estamos empenhados na compra de cana, para atender ao produtor que está com alguma dificuldade em oferecer comida para os animais. É a prioridade. Temos fornecedores com mil toneladas disponíveis e passamos a usar duas carretas para distribuir esse material entre os cooperados com situação mais crítica”, informa o presidente da Veneza, José Carnielli.

A cooperativa hoje é uma das maiores do Estado, emprega 400 pessoas diretamente e outras 5 mil indiretamente. O planejamento, segundo Carnielli, é continuar prestando total assistência técnica aos produtores cooperados, para depois voltar a planejar os novos rumos e os novos produtos a serem lançados no mercado.

Uma das alternativas para amenizar os prejuízos de alguns produtores está sendo a compra de leite de fora da região crítica, para continuar atendendo à clientela. Entre as áreas



DIVULGAÇÃO/VENEZA

Indústria está comprando leite de fora da região mais afetada pela crise hídrica, para continuar atendendo à clientela

mais afetadas, Carnielli destaca o Norte do município de Colatina até a cidade de Mucurici. “Quem está mais próximo do litoral fica um pouco mais tranquilo”, diz.

EFEITOS

Para não sofrer tanto com a estiagem, a cooperativa faz monitoramento da ação climática nas regiões Norte e Noroeste do Estado. Conforme explica José Carnielli, além da falta de chuva, muitos lidam com a seca em decorrência do aumento das áreas irrigadas na região. “Talvez as pessoas não se dão conta de que isso tem li-

400 empregos

É o número de postos de trabalho diretos da Veneza no Estado. Mas a cooperativa chega a gerar outros de 5 mil empregos indiretos.

mite. A seca em si não é diferente dos outros anos, mas tem produtor que planta mais café e pimenta, por exemplo, sem ter água para molhar o que já tem plantado”, frisa.

Para ele, a crise econômica chega a afetar, sim, a cooperativa, mas ainda menos do que a crise hídrica. “A economia traz seu reflexo, dificulta o crédito, aumenta a inadimplência. Se falar que passamos imunes, é uma grande bobagem. Mas nosso foco é trabalhar em outra frente para minimizar o efeito, principalmente em relação aos produtores que estão em pior situação”. ●



“Nosso foco é trabalhar em outra frente para minimizar o efeito, principalmente para os produtores que estão em pior situação”

JOSÉ CARNIELLI, PRESIDENTE DA VENEZA



Selita, que tem 80 anos de tradição no mercado, está mobilizada em garantir uma produção com custo não tão alto, já que o preço das matérias-primas subiu com a falta de chuva

Selita envia carros-pipa para salvar produtores

A união da cooperativa está ainda mais evidente, pois 45% dos produtores estão prejudicados. Eles estão pesquisando insumos mais baratos para alimentar o gado

MARIANA PERIM
mvteixeira@redgazeta.com.br

Com quase 80 anos de funcionamento, a Selita tem buscado, nos últimos meses, alternativas para driblar o principal problema enfrentado pelos produtores do campo: a falta de água nas propriedades.

Como a tão esperada chuva ainda não veio, a cooperativa encaminhou carros-pipa a diversas propriedades no último mês, em parceria com outros órgãos, com a finalidade de diminuir os efeitos da seca. “Para plantar cana, reformar pastagens e para fazer reserva, precisamos de chuva. Por isso o problema está tão grave”, frisa o atual presidente da Selita, Rubens Moreira.

QUEDA NO VOLUME

Segundo Moreira, os custos dispararam porque o pasto secou demais e agora é preciso gastar com a alimentação dos animais. Com o crescimento da demanda, aumentou o preço do alimento para o gado. Com isso, 45% dos cooperados tiveram quebra na captação de matérias-primas. E a produção dos 55% restantes, conforme destacou

▼
1.880

É a quantidade de cooperados ativos na Selita.

3.500

É o quadro social da cooperativa é composto por mais de 3.500 empregados no campo.

Moreira, ficou ainda mais difícil com o custo alto.

A alternativa encontrada pela cooperativa é buscar medidas para minimizar os impactos e não penalizar os produtores. “Além de remunerar melhor o produtor, para que ele possa dar conta de seu rebanho, nós continuamos aqui, fazendo todo o esforço possível, recorrendo aos órgãos e instituições competentes para minorar os efeitos da crise”, diz.

Recentemente, o presidente da cooperativa integrou um grupo que viajou à Argentina e ao Uruguai em busca de produtos com preço menor do que o praticado pelos fornecedores regulares. “Essa foi apenas uma das nossas ações. Estamos tentando algo fora, buscando reduzir o custo do alimento dos animais. Procuramos abrir as portas para comprar milho com um valor mais acessível, para minimizar este impacto”, relatou.

Como medida preventiva, a cooperativa está apostando em um projeto de recuperação de nascentes, com o plantio de mudas e recuperação de áreas de preservação. O programa envolve as mulheres vinculadas à Selita. ●

“Estamos tentando algo fora, buscando reduzir o custo do alimento dos animais, como comprar milho mais barato”

RUBENS MOREIRA
PRESIDENTE DA SELITA



Cooabriel terá fazenda modelo

Mesmo enfrentando a pior seca dos últimos tempos, a cooperativa está apostando no futuro e apoiando seus produtores a vencerem os desafios com novas culturas além do café

RUHANI MAIA

rgama@redgazeta.com.br

Mais de 50 anos de história e um grande desafio: lidar com a pior crise hídrica ocorrida no Espírito Santo nos últimos 40 anos. Essa é a frase que resume como está a Cooperativa Agrária de Cafeicultores de São Gabriel (Cooabriel) hoje. Maior cooperativa de café conilon do Brasil, a Cooabriel está localizada no município de São Gabriel da Palha, Noroeste do Estado, e tem 52 anos de atuação, abrangendo não só o Espírito Santo como também a Bahia, no Nordeste do país.

Apesar da seca, a meta é não deixar o produtor ficar parado. Por isso, a cooperativa comprou uma propriedade de 27 alqueires, onde planeja fazer uma fazenda modelo para pesquisa. Segun-



DIVULGAÇÃO/COOABRIEL

do o presidente da Cooabriel, Antônio Joaquim de Souza Neto, no local serão feitas experiências com vários produtos, e as experiências que tiverem resultado positivo podem levar à variação de produção da cooperativa.

“A seca nos mostrou que não podemos ficar reféns do café. Temos que investir

▲ Produtores estão se unindo na crise e contribuindo, de certa forma, para o fortalecimento do ramo em que atuam, para superar a estiagem

em outros produtos, fazer com que os sócios olhem para o lado. Produtos como côco, cacau, pimenta-do-reino e seringueira, por exemplo, são produzidos mesmo na seca. Essa ideia está nascendo ainda, é um embrião”, explica Neto.

Mesmo com a dificuldade enfrentada por causa da seca, os produtores têm se associado à Cooabriel. Neto ressalta que, assim como em outros anos, eles estão se unindo na cooperativa e contribuindo, de certa forma, para o fortalecimento do ramo em que atuam. “A cooperativa tem um nome respeitado, e ele pode ter benefícios e segurança. O produtor não pode ficar parado esperando a crise atingir. Tem que continuar administrando com o pé no chão. Toda crise é passageira”, considera.

Ele acrescentou que acredita que os produtores vão se adequar às novas culturas, e frisou que a Cooabriel estará sempre ajudando nas produções, e atuando para que eles continuem lidando com a terra. ●